



SERAFIM PEREIRA

Serafim Pereira Júnior nasceu na Ericeira a 29 de Novembro de 1930. É filho de Serafim Pereira, mestre de pesca do arrasto costeiro, e de Manuela de Jesus Esteves Pereira, doméstica. O pai foi anos seguidos campeão da pesca do arrasto na costa. «O meu pai tinha bons barcos. Somos nove irmãos – Sofia Esteves Pereira Fontão, Rosa Esteves Pereira Bispo (“Rosa do Pinta”), Serafim Pereira Júnior, Corália Esteves Pereira Arruda, Dario Lopes Esteves Pereira (falecido), Manuela Esteves Pereira Mano (falecida), Francisco Esteves Pereira, José Alberto Esteves Pereira (falecido) e Joaquina Esteves Pereira.

Fez a quarta classe com doze anos, tendo realizado o exame em Mafra. Em pequeno, após sair da escola, ia trabalhar nas traineiras na Praia da Ribeira.

No dia em que fez o exame da quarta classe, regressou a casa todo contente. Por mera coincidência, no mesmo dia, o pai regressou a casa da pesca, vindo de Lisboa, na carreira do “Gaspar” [“Empresa de Viação Gaspar”]. Foi ter com ele e anunciou-lhe a boa nova. Era o único da família com a quarta classe, pois as duas irmãs mais velhas só tinham feito a terceira classe. Perguntou ao pai – «Que prenda é que me vai dar?» O pai respondeu-lhe – «Eu, amanhã, dou-te a prenda. O meu pai ficou nessa noite em casa.

No dia seguinte, de manhã, fui na camioneta com o meu pai para Lisboa. A prenda que ele me deu foi uma viagem de doze dias até ao sul de Olhão, no Algarve.» A mãe preparara-lhe à pressa uma “roupazinha” para poder ir com o pai.

A viagem, de Lisboa ao pesqueiro, no arrastão “Cabo de Santa Maria”¹ demorou dezoito horas.

«Navegámos durante a noite. Chegámos lá por volta do meio-dia, ou coisa assim, e largámos a rede a 233 braças, com o farol de Olhão, a norte. Arrastámos pela parte de fora da coroa entre as 233-235 braças, coisa assim, em direcção à Fuzeta. No través do morro, que fica na serra em cima da Fuzeta, dávamos a volta e vínhamos por terra novamente até ao farol de Olhão. Aquilo dava umas dez horas de arrasto. Quero dizer, era um lance de dia e um lance de noite, devido à profundidade.»

Até aos catorze anos, Serafim andou a aprender a arte de arrasto com o pai no “Cabo de Santa Maria”, percorrendo toda a costa portuguesa – Arrifana, a Oeste do Cabo de S. Vicente, Sines, “Mar do Chapéu”, Sesimbra, “Risca”², em frente ao Cabo Raso, “Céu de Abraão”³, por norte da “Risca”, “Pombal”⁴, em frente à Barra de Lisboa, “Cabo Feito”⁵, também em frente à Barra de Lisboa,

¹O arrastão “Cabo de Santa Maria 1º” foi construído, em Glasgow, em 1903. Tinha um motor de 391 H.P., 254T de arqueação bruta e 39,59m de comprimento. A capacidade de pesca era de 60T. A companhia era constituída por 18 homens.

²“Mar da Risca” – Este pesqueiro fica situado em média a umas dez milhas de distância do Farol da Guia. Confina ao norte com o pesqueiro “Já te Matei” ou “Céu de Abraão” e ao sul com o “Mar de Pombal”.

³O pesqueiro do “Céu de Abraão” situa-se a umas onze milhas da costa, marcando-se o Cabo da Roca por ENEv e o Farol da Guia por E1/2SEv.

⁴“Mar de Pombal” – Situa-se a umas doze milhas e meia por NE4Em do Farol da Guia. Pelo noroeste confina com o “Mar da Risca”, do qual dista cerca de seis milhas.

⁵O “Mar do Cabo Feito” situa-se a umas dez milhas por E41/2Sem do Cabo Espichel e a SE do pesqueiro do “Mar de Pombal”.

“Ericeira”⁶, “Mar Novo da Ericeira” e “Mar da Areia”; a norte, no “Arranha”, no fundão em frente da Nazaré, do Farrilhão para norte até S. Pedro e “Mar de S. Pedro”. Recebia do pai uma caldeirada maior de peixe, no valor aproximado de 250\$00-300\$00 escudos, pois não podia ser moço. Não tinha cédula marítima, nem podia ser remunerado pela companhia. Pescavam com uma rede de arrasto inglesa de 180 pés, no arraçal, feita na Fábrica do Santiago, na Rua Pinto Ferreira, à Junqueira, que era o patrão e armador.

«A rede inglesa é composta por asas (de cima e de baixo), quadrado, barrigas e saco. A asa de baixo vai pegar às barrigas, da parte de baixo, que é o que faz o redondo da rede. O quadrado vai pegar às barrigas da parte de cima. O centro das barrigas, por exemplo, dependendo da rede, pode ter 150 malhas. A malha tem 8cm. A dimensão da malha é definida por lei.

Na costa, a polícia andava com uma bitola, para controlar a dimensão da malha. As asas tinham malha de 8cm. As barrigas, malha de 6cm. Na malha do saco não cabia o dedo. Forrávamos o interior do saco com rede traineira. Fazíamos umas alcinhas no saco. Aquilo era porfiado. Quando vinha o barco de guerra cortávamos as alcinhas e a rede caía junto com o peixe. Quando os fiscais perguntavam – Mas você usa essa rede? Respondiam – A rede veio junto com o peixe. Quando o saco estava à borda, a gente cortava logo as alcinhas. A rede caía juntamente com o peixe e eles não podiam pegar.»

Até aos dezasseis anos, andou também ao mar nas lanchas da Praia da Ribeira com “João Camelão” [João Pitas Pereira], “Inhoco” [António da Costa Arruda] e “João Pestana” [José Marques...], casado com uma irmã da mulher do Elisiário [Bernardino]. Pescavam linguados com redes de emalhar e tresmalhos («redes com “albitana”») e armavam aparelhos.

«Antes dos pios⁷ não havia redes. Os pios foram os primeiros a trazer redes cá para a Ericeira. O barco do “Tó Quim” [Joaquim Rodrigues], pai do José Miguel [José Miguel Conceição Rodrigues], andava ao aparelho. Era ao tempo a maior lancha da Ericeira. Mais tarde, a lancha foi vendida ao Silva, cuja mulher era empregada no Correio, tendo sido modificada por Mestre Policarpo e equipada com um motor usado. Foi uma das primeiras embarcações a ser motorizadas na Ericeira. O arrais passou a ser o “Galdera” [Felipe António Inácio], pai do “Chico Porras”. O “Galdera” e o “João Pestana” andavam também ao aparelho.»

Serafim Pereira ainda se recorda bem deste episódio – «O barco onde andava o “Galdera” raramente encalhava na praia, só o fazia quando estava mau tempo, mas não vinha cá para cima, abicava só na areia. Muitas vezes, o “Galdera” vinha para terra às costas do “Mau Olho”, de “chinelinhas”.

Uma vez, a malta cá de cima começou a gritar “Vai ao mar!”, “Vai ao mar!” E, o “Mau Olho” que já estava farto de “alombar” com ele às costas lançou-o à água», para gáudio e satisfação da malta. Foi aluno da Escola Elementar de Pesca da Ericeira, criada no âmbito da “Casa dos Pescadores”, situada no Forte, onde aprendeu com o delegado marítimo Santa Rosa, «tudo sobre marinharia, cartear a agulha, nós, redes, coisas de anzol, etc.»

Em 23 de Janeiro de 1945 inscreveu-se na Delegação Marítima da Ericeira com o número de matrícula nº 1.260. Tinha apenas catorze anos.

Em 1945, um aluno da escola de pesca, inscrito na pesca do bacalhau, adoeceu e o “comandante” Santa Rosa veio buscá-lo à Ericeira, para frequentar, durante dois meses, a Escola Profissional de Pesca, em Pedrouços e poder depois embarcar para o bacalhau como aluno da referida escola, em substituição do que ficara enfermo.

«O Capitão, Forte Homem, do lugre “Brites”⁸ era muito amigo do meu pai. O meu pai quando passava por Belém dava caldeiradas à tripulação.» Com catorze para quinze anos, embarcou «de

⁶“Mar da Ericeira” – Este pesqueiro situa-se a norte do “Céu de Abraão” e a sueste do pesqueiro “Mar de Sintra” e desenvolve-se a umas 12 milhas por Em da Vila da Ericeira.

⁷Pios – É a designação que os pescadores jagozes davam aos varinos do Tejo que vinham pescar para a Ericeira nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Eram também conhecidos por malinos.

⁸O lugre “Brites” foi construído, em 1936, na Gafanha da Nazaré, pelo mestre Mónica, para a Empresa Brites Vaz & Irmãos Lda., de Aveiro, com as melhores madeiras brasileiras e de Riga (carvalho e pinho manso). Estava equipado com um motor de 300 H.P., radiotelegrafia e luz eléctrica. Deslocava 522 toneladas e tinha 43,07m de comprimento, 10,20m de boca e 5,16m de pontal.

charola» no lugre motor “Brites”, navio com quatro mastros, para a pesca do bacalhau, de ajudante de cozinha, rumo à Terra Nova. A mãe teve de fazer a roupa à pressa para poder seguir para o bacalhau. O irmão Dario também foi ao bacalhau, dois anos depois, no mesmo navio. «Não fui para o peixe. Estava sempre no quentinho.»

A sua função a bordo era «fazer o comer para o pessoal», descascar batatas, fazer arroz de bacalhau, sopa de feijão com massa ou arroz, que nos primeiros dias levava hortaliça, depois não, chora – sopa de restos de bacalhau –, feita de bocados, que caíam durante a escala, e arroz. A chora ou xerém não levava caras, por que as caras eram aproveitadas. Era feita a partir de um refogado de azeite, pouca cebola e água. «A cebola era a ver ao longe.» Era servida logo de manhã.

As refeições eram à base de peixe cozido, frito, «aproveitavam-se as piores partes do bacalhau para a gente comer», e de carne salgada da Argentina, em barrica. Às refeições eram servidas borras de café e água. Não havia vinho. Só havia nos primeiros dias. «A viagem demorou seis meses, três dias e quatro horas.»

Em 1946, ainda com quinze anos, depois de regressar da pesca do bacalhau, voltou a embarcar no arrastão costeiro “Cabo de Santa Maria” com o pai, de mestre de pesca (entre 13.01.1946 e 13.11.1948 e entre 10.10.1949 e 12.11.1949). Andou de moço, de marinheiro e de contramestre com o pai.

Em 1947, aos dezasseis anos, casou com Júlia Ferreira Freire, filha de “Júlio Catanicha” [Júlio Gervásio Freire].

«Depois de sair do bacalhau andei na pesca do arrasto (costeiro), de moço, nuns barquitos pequenos, chamados “pirolitos”. Eram uns barquitos do Seixal. Pescávamos em frente à Barra de Lisboa, por aqui e por ali. O mais longe que íamos era à Ericeira.»

Serafim embarcou, de moço pescador, no “Capitão Bella”⁹ pertencente a Júlio Augusto Bagão Bella (04.02.1950-06.04.1951). «O “Capitão Bella” era um dos melhores barcos da Ribeira, naquela altura.»

«Até que fui para a tropa em Cavalaria, Lanceiros 2, na Calçada da Ajuda em Lisboa. Estive lá dezoito meses. Era praça.»

«Quando saí da tropa, andei na pesca em Cabo Branco, no “Altair”¹⁰. As redes inglesas de arrasto em Cabo Branco eram maiores, do que as utilizadas na pesca costeira.»

Serafim Pereira embarcou, como paioleiro, no “Altair”, da Companhia Portuguesa de Pesca, entre 17.09.1952 e 06.12.1952 e entre 02.02.1953 e 06.06.1954. Voltou ao arrasto costeiro, como marinheiro, no “Atlante” (26.10.1954-19.11.1954) e no “Seixalense”, de João Lopes, do Seixal (28.02.1955-19.04.1955).

«Até há idade de 25 anos. Depois de ter feito a tropa, embarquei com o meu pai, outra vez. Andei um tempo com o meu pai. Não me dava bem com o meu pai. O meu pai era muito duro para mim.» Tinha que dar o exemplo. A determinada altura não aguentou mais. «Desembarquei e fui para os barcos da Ribeira Nova. Eram barcos com 30m e motores de 400, 500 cavalos, “Deutz”, “Mack”, “Lister”. Eram motores possantes.»

«Um dia, o contramestre do barco do meu pai caiu no porão. Era o “Joaquim Ratinho”, pai do “Zé Ratinho”. Morava nas escadinhas ao lado do “Chico Porras”. O porão era armado com panas para se congelar o peixe. Partiu-se uma pana e o homem caiu por ali abaixo e partiu as costelas. E, aqui, vai começar o meu calvário. Andava num barco bom (“Seixalense”). O meu pai mandou-me chamar para ir de contramestre com ele. Desembarquei para ir de contramestre com o meu pai. Mas, o caso é este.

Quando eu estou no frigorífico de Santos, à espera que o capitão chegasse para lhe dar os documentos, entretanto chega o meu pai e mais o engraxador dele. O meu pai chegou de táxi, mais

⁹O arrastão “Capitão Bella” foi construído, em 10 de Setembro de 1945, na Gafanha da Nazaré. Tinha uma máquina “Deutz” de 270/330 H.P., 129,47T de arqueação bruta e 24,92m de comprimento. A capacidade de pesca era de 30T. Os paióis possuíam 18T de capacidade. A tripulação era constituída por nove homens. A velocidade máxima de arrasto era de cinco milhas.

¹⁰O arrastão “Altair” foi construído, em 1920, em Groole, na Inglaterra. Tinha uma máquina de 600 H.P., 340,75T de arqueação bruta e 44m de comprimento. A capacidade do porão era de 239,374m³. Os paióis possuíam 163T de capacidade. A tripulação era constituída por vinte e dois homens. A velocidade máxima de arrasto era de nove milhas e meia.

o gajo, que era o bufo dele, que era de Cascais também, e era padrinho duma filha que ele tinha fora do casamento. Mal chegou, disse-me – Então? Já falaste com o capitão? Respondi-lhe – Sim. Já falei com o capitão. O capitão já leva os documentos e vai para a capitania. E depois virou-se para mim e perguntou-me – Ouve lá. Sabes em que condições é que vais? Respondi – Sei. Vou de contramestre. Disse-me – Tu vais de contramestre, mas quem faz o lugar é este, o “Cana Doce”, e ele é que ganha o dinheiro de contramestre. Tu ganhas de marinheiro. Observei-lhe – O quê? Então, eu estava num barco, você chama-me para vir de contramestre consigo e agora você diz-me isso. Desatei a correr. Fui a correr atrás do capitão e ainda o fui apanhar à cancela do comboio de Cascais. Disse-lhe – Meu capitão. Dê cá os documentos. O capitão deu-me os documentos e voltou para trás. Já não foi para a capitania. Eu vim para o pé do largo. Nas descargas, havia uns estrados grandes e altos, em madeira, para os homens da descarga não arrefecerem tanto, não terem os pés dentro de água, durante as descargas. Eu estava ali, em cima daquilo e tal, e as lágrimas caíam-me pela cara abaixo.

O meu pai foi para dentro do escritório da polícia, que estava dividido em dois. Havia o escritório do comandante da polícia e o escritório onde estava o gado velho da polícia, o gado menor da polícia. Entretanto, o Santiago chegou e perguntou ao meu pai – Então, Serafim o rapaz vai ou não vai? O meu pai respondeu – Não, ele não vai, não quer ir. O Santiago disse para o encarregado – Chama-o lá. E mandou o encarregado da descarga chamar-me. O encarregado chegou ao pé de mim e disse-me – Oh Serafim, anda lá falar com o Sr. Santiago. E, eu fui falar com o Santiago. Estava o Santiago, o encarregado da descarga, o gerente, o meu pai e o Santiago perguntou-me – Tu não queres ir com o teu pai? Eu respondi – Não, Sr. Santiago.» Por pressão e insistência de Santiago embarcou de contramestre com o pai.

Certo dia, o barco saiu de Santos, parou em Cascais ao pé dos Pilotos da Barra para o pai sair, pois ia começar os tratamentos no dentista. «O meu pai disse-me – Vou ficar em terra. Tu, agora vais com o capitão e tu é que vais pescar. O capitão leva-te ao pesqueiro e tu orientas-te. Quando o capitão chegou ao pesqueiro, eu já sabia. Estava sempre a marcar. Fiz o arrasto e quando cheguei à noite a Cascais disse-lhe que tinha apanhado dezassete toneladas de peixe – chicharros, marmotas, gorazes.»

No dia seguinte, o pai entrou para o navio e foram descarregar o peixe a Santos. Enquanto duraram os tratamentos do pai, o processo repetiu-se. O pai partia de Santos no barco e desembarcava em Cascais e ele ia pescar. Quando regressavam a Cascais, o pai embarcava para ir descarregar o peixe a Santos.

Arrastavam em Sines, no “Mar do Avião”, que «fica por fora de Sines, na fundura, a 326 braças (apanhava-se camarão encarnado e caranguejo), no “Mar do Chapéu”, situado no focinho do Cabo Espichel, no “Cabo Feito”, no “Pombal”, por fora do “Cabo Feito”, a treze milhas de Cascais («largava a rede a noventa e três braças, e ia pelas cento e cinco, pela bordada do fundão, até o fundo dar para nordeste; dava a volta e regressava às noventa e três braças», local em que virava a rede), no “Mar da Ericeira”, no “Mar de Sintra”¹¹, por “Sudoeste da Berlenga”¹². O peixe era descarregado na lota, em Santos.

«A pescarmos no Algarve, na beirinha, a sul de Olhão, apanhávamos camarão encarnado, que deitávamos fora. Nessa época, ia até nós uma lanchinha de Olhão e dávamos-lhe os carabineiros. Eles traziam-nos coelhos e galinhas. Eu era contramestre do meu pai. Fazia a malandrice de meter por baixo do camarão pescadas e outros peixes. Depois não me faltava em casa bolos, galinhas de figo, doces de amêndoa do Algarve, coelhos grandes, “murgeronas”, para apanhar safios. Eu dava o arame e havia gajos na Ilha da Culatra que as faziam e eles traziam-nas para mim.

Uma ocasião, Santiago disse para o pai – Então, Oh Serafim, afinal o rapaz safa-se. E, o pai respondeu-lhe – Safa-se o quê! Sr. Santiago. Santiago observou-lhe - Olha que eu sei tudo. Eu sei que tu ficas em terra e quem pesca é ele. Eu sei tudo o que se passa. Estou informado de tudo.»

¹¹Este pesqueiro situa-se por Ev da Senhora do Socorro, junto à isóbata dos 200m (110 braças), e por noroeste do “Mar da Ericeira” com o qual confina.

¹²“Mar do Sudoeste da Berlenga” – Este pesqueiro situa-se a umas 16 milhas a W4SWm da Ilha Berlenga, junto à isóbata dos 200m (110 braças) e desenvolve-se por norte do “Mar do Noroeste da Roca” ou “Mar do Nordeste do Pesqueiro de Sintra”.

Uma vez, o pai foi visitar o armador António João, que era proprietário de armazéns de sal, perto da Estação do Cais do Sodré. Este perguntou-lhe o que achava da ideia de empregar o filho Serafim, pois precisava de um rapaz novo para o barco “Comandante David de Carvalho”, que tinha adquirido recentemente, visto que o mestre que lá andava não fazia nada. O pai respondeu-lhe que o filho era maluco e aconselhou-o que empregasse antes o João Manita, de Setúbal. E assim foi, Serafim foi mais uma vez preterido. Continuou a andar com o pai. «Passei uma vida de sacrifício na pesca com o meu pai. Nunca me ensinou nada. Eu, é que me metia atrás da ponte, a tirar os apontamentos. O que sei é dizer, é que de quatro filhos, que andaram todos ao mar, o meu pai não ajudou nenhum. Só atirava com eles abaixo.» As relações laborais e pessoais entre ambos foram-se deteriorando ao longo do tempo. A partir de certa altura perdeu-lhe o respeito. Andou a pescar com o pai, durante mais três anos, dos 25 aos 28 anos.

«O meu irmão “Chico” foi para a Alemanha por causa do meu pai. Foi marinheiro com o meu pai. O meu pai era mestre de pesca, não tinha carta para governar o barco. O António Pinheiro andava de mestre de leme. Era compadre do meu pai. Era algarvio, mas morava em Cascais. Chegou a dizer ao meu pai – O seu filho “Chico” tem carta de mestre, porque é que ele não fica aqui de mestre consigo. Eu tenho facilidade em ir para outro barco. O meu pai disse-lhe – Não! Não! Não! Esse homem, hoje, está em Cascais numa barraca a vender búzios à beira-mar.

Um dia, o homem já estava tão farto de o aturar, chamou o meu irmão e disse-lhe – Oh Chico, anda comigo. Foram os dois ao escritório do armador, e o mestre disse ao patrão António Ferreira – Sr. António Ferreira vou me embora. Dê-me o desembarque. Aqui, o filho do mestre Serafim fica de mestre. Quando o meu pai chegou a bordo e perguntou pelo mestre António, o meu irmão respondeu-lhe – O mestre António não está cá. O pai perguntou-lhe – Então? Quem é o mestre? O meu irmão respondeu-lhe – O mestre, sou eu. E, o meu pai teve de o “gramar”.

O meu irmão Zé Alberto foi motorista comigo. O meu irmão andava de motorista nos cacilheiros em Lisboa. Eu, é que o chamei para a pesca. Trabalhou cinco anos comigo.»

Serafim Pereira andou, de contramestre, no “Cabo de Santa Maria 1^o”, da “Casa dos Cabos”¹³, com escritórios na Junqueira, em Lisboa, entre 29.04.1955 e 16.06.1955 e entre 11.10.1956 e 26.09.1958, e no “Eduardo Lopes”, de Eduardo Ascentão, proprietário de uma oficina na Doca do Pinho, actual Doca de Santo Amaro, entre 11.12.1958 e 03.04.1959.

Certo dia, quando estava atracado em Santos, Luciano, um rapaz algarvio, que andava no “Almada” disse-lhe que Inácio Ferreira, armador com escritório na Avenida 24 de Julho, proprietário do barco “Belo Horizonte” não estava satisfeito com o Mestre Pescarreta. Andava à procura de um rapaz novo para encarregado de pesca da referida embarcação. Resolveu ir falar com ele.

Quando entrou no escritório de Inácio Ferreira este perguntou-lhe quem era e se tinha conhecimentos de pesca. Respondeu-lhe que era contramestre e que quando o pai ficava em terra quem pescava era ele. De seguida perguntou-lhe – E, então quem é o seu pai? Respondeu – É o Mestre Serafim do “Cabo de Santa Maria”. Inácio Ferreira disse-lhe – O lugar é seu! O lugar é seu! Era dia 27 de Março de 1959, disse-lhe para desembarcar para poder pegar no início do mês seguinte.

Embarcou, como encarregado de pesca, no “Belo Horizonte”, de Inácio Ferreira, “Ship chandler”, com escritório na Avenida 24 de Julho, em Lisboa, entre 03.04.1959 e 03.06.1959 e entre 03.07.1959 e 09.05.1960, no “Socorena”¹⁴, do Capitão Bella, do Exército [Júlio Augusto Bagão Bella] (14.05.1960-04.06.1960), novamente, no “Belo Horizonte” (14.06.1960-18.08.1960), como contramestre, no “Luís Henrique” (31.10.1960-23.12.1960) e, como encarregado de pesca, novamente, no “Belo Horizonte” (03.02.1961-26.07.1961).

¹³“Casa dos Cabos” era o nome que os pescadores davam à empresa “Sociedade de Pesca Santa Fé, Lda.” sediada em Lisboa e proprietária de vários arrastões que se denominavam “Cabo de ...”.

¹⁴O arrastão “Socorena” foi construído, em 1936, nos Estaleiros da “CUF” (“Companhia União Fabril”). Tinha um motor de 220 H.P., 73,37T de arqueação bruta e 22,42m de comprimento. A capacidade de pesca era de 15T. Os paióis possuíam 10T de capacidade. A tripulação era constituída por nove homens. A velocidade máxima em serviço era de seis milhas. Foi propriedade da Empresa de Embarcações, Lda., sediada em Lisboa.

«No Espichel, eu andava a pescar no “Regueirão”. A ponta do Espichel [vista do mar] tem uma retela (um intervalo), uma igreja e depois por fora, antes do farol, um cruzeiro. Por exemplo, estou na Fonte da Telha em trinta braças de água. Por cima da Fonte da Telha aquilo é tudo mato. Existiam três caminhos. Quando os caminhos estavam abertos, podia-se andar a pescar, para fora, para a terra, com os caminhos abertos. Ia por trinta braças e, quando o cruzeiro estava quase encostado à igreja metia proa nele. Quero dizer, metia ali uma braça desviado e metia proa nele. O fundo afundava, baixava, afundava, baixava. Passávamos por dois cabeços, quando chegava à parte sul começava a baixar, a baixar e a quarenta e cinco braças era pedra.

Uma ocasião, no “Belo Horizonte”, eu vou a fazer esse trabalho e quando cheguei às quarenta e cinco braças chamei o pessoal para ir apanhar a rede. No momento em que o rapaz que estava à ré, ia largar os cabos da patesca, eu puxei para fora para atravessar o barco, que era para ir à rede, o fundo começou a afundar, começou a afundar, começou a afundar. Ele chamava-se José João e eu disse-lhe – Oh, Zé João não largue! Não largue! Começou a fundar. Comecei a apanhar 52, 54, 52, 54, 52, 54 braças, e o barco ia a caminho de sudoeste. A caminho da ponta do Espichel e foi a 52, 54, 52, 54 braças, durante uma hora e tal. Até que, dou com uma serra de pedra, uma pedra alta, de umas vinte e cinco braças de pedra e disse – Vamos à rede! Quando as portas de arrasto vieram à borda, ainda faltava 100m de cabo, isto é, as malhetas de 100m. O saco apareceu logo ao de cima de água. Quando vi aquela lama, antes do saco aparecer, até me assustei. O saco parecia uma estrada por cima da água. Era barrigas, era tudo cheio de peixe. Quando o saco chegou à borda, levámos algumas sete vezes para meter o peixe todo dentro. Aquilo era aí onze horas da manhã. Naveguei para Cascais. Depois de descarregarmos o peixe para as chatas em Cascais, a lota ficou cheia de peixe e mais ninguém descarregou. No outro dia, voltei a repetir o mesmo. Depois, ensinei este pescueiro ao meu pai. O meu pai depois ensinou a outros. De vez em quando, era preso por andar a arrastar dentro da zona proibida.»

Em 30 de Outubro de 1959, na qualidade de encarregado de pesca, Serafim Pereira foi punido com sessenta dias de multa correspondentes às soldadas, por ter desobedecido ao seu mestre e ter lançado a rede na zona proibida dando origem a que o mesmo fosse autuado por esse facto pelo Comando do draga-minas.

Vejamos a sua versão dos factos – «Estava a pescar por fora da Caparica, ao sul da Barra, a escapar o enfiamento da Barra, quase às escuras. Andávamos a apanhar línguas e robalos, peixes que vinham do rio. Os barcos que saíam de Lisboa para Sines, para ir apanhar chicharro, passavam por ali. O homem, de um desses barcos, que vinha ao leme era cego de uma vista. O mestre de leme tinha ido tomar café à cozinha. O barco vinha direito a mim. Ainda o vi a correr no convés para a ponte, mas já não chegou a tempo. O barco veio direito a mim. Deu-me uma castanhada. Abriu a proa e foi para o fundo. O meu barco, o “Douro”¹⁵ ficou cortado. O meu mestre de leme, o Marcelino, safou-se dizendo que eu tinha largado ali a rede sem autorização dele.»

«Andei cerca de três anos no “Belo Horizonte”, até ser vendido lá para o norte. O navio tinha uma máquina fraca. Era uma “Modag”¹⁶ de 440 cavalos. Não se conseguia apanhar chicharro, só se o chicharro estivesse cego, mas às vezes apanhava-se.»

«Hoje, fala-se muito em corrupção. Quando andava no “Belo Horizonte”, eu fui, na pesca, talvez o gajo que mais corrompeu. Eu gostava muito de pescar no Cabo Espichel.

Ao fim de semana, a vedeta “Espadilha”¹⁷ estava atracada no Arsenal. Só saía para o mar na Segunda-feira por volta do meio-dia. Quando fui trabalhar para a DocaPesca, eu engodava o gajo que estava encima na torre da DocaPesca com peixe e ele passava-me o sinal. Através do rádio informava-me – Serafim, olha que a água vai abaixo. Era a “Espadilha” que vinha a sair do Arsenal.

¹⁵O arrastão “Douro” foi construído, em 1907, na Escócia. Tinha uma máquina de 480 H.P., 357,56T de arqueação bruta e 44m de comprimento. A capacidade do porão era de 205,405m³. Os paióis possuíam 169T de capacidade. A tripulação era constituída por vinte e dois homens. A velocidade máxima em serviço era de nove milhas.

¹⁶Fabricante de motores marítimos “Motorenfabriek, Darmstadt, G.m.b.H. (Modag)”, Alemanha.

¹⁷A L.F.P. “Espadilha” foi construída nos estaleiros do Alfeite e lançada à água em 11 de Junho de 1945. Tinha casco em aço com 42,64m de comprimentos e deslocava 274 toneladas. Estava equipada com dois motores de 1.200 H.P. e podia atingir a velocidade de 17 nós.

Ele lá de cima via a “Espadilha” a sair e dava-me o sinal e eu tinha tempo de fugir para fora da zona proibida.

Serafim Pereira andou, de encarregado de pesca, no “Mestre Manuel Mónica”, pertencente aos Mónicas, proprietários dos estaleiros da Gafanha da Nazaré, entre 09.12.1961 e 10.01.1962 e, como mestre de pesca, no “Lusito”, propriedade da “Casa dos Lusos”¹⁸, entre 25.05.1962 e 06.07.1962.

Em 11 de Outubro de 1962, Serafim fez exame, na Capitania do Porto de Faro, para mestre de cercos, galeões, traineiras e demais embarcações de pesca costeira, ficando aprovado. A partir daqui, passou a poder governar os barcos pesqueiros. O cargo de encarregado de redes dizia respeito apenas ao aparelho, não permitia governar o barco. «Quando comecei de mestre, eu ganhava 6% e tinha um ordenado pequeno, não me lembro do valor. O mestre de leme tinha 2%, o contramestre e mestre de redes 1,5% e os marinheiros 0,7%.»

«Um dia, andava a arrastar, o mestre de leme era o “Zé Fernandes”, de Ferragudo, Portimão. Foi um grande amigo meu. Eu largava a rede. Trabalhava ao guincho com o contramestre. Quando apareceu o barco de guerra eu disse-lhe – “Zé”, eu tenho carta de mestre. Se eu for preso, tu ainda não estás prático para pescar. Vem para cá outro mestre e estás “empaxado”. Fazemos uma coisa. Dizes ao comandante do barco de guerra, que eu não estou a bordo. Tu, é que estás a pescar. Tu, é que vais preso. Combinámos assim. Ele apanhou o castigo. Eu, como tinha a carta de mestre de leme, fazia o lugar de capitão. Fazia os dois lugares. Continuei a pescar no barco. Ele é que sofreu o castigo, mas o patrão continuava a pagar-lhe na mesma.»

Embarcou, de mestre de pesca, no “Madragoa”, propriedade de Meloas, construtor naval do Seixal e sócio do “Henrique Penicheiro (pai)”, da Ericeira, entre 10.12.1962 e 16.04.1963 e no “Luta pela Vida”, arrastão lateral, do Sr. Bandeira, com escritório no Cais do Sodré, entre 1963 e Dezembro de 1964.

Uma vez, «eu estava a arrastar por fora da Roca¹⁹ no “Luta pela Vida” e andava também o Mário Lopes no “Helena Vilarinho” que tinha descoberto um “bocado de mar”. Chegava a Cascais com cada “pescadona”; pescadas grandes. Pensei – É aqui que este sacana anda a apanhar as pescadas. Meti-me por fora dele, de norte para sul, no “Mar do Céu de Abraão” a observá-lo.

Ele ia para fora e vinha para terra e fui marcando a zona pelo farol e pela Azóia. Quando ele menos esperava, eu, zás, metia proa a terra, e o gajo ficava todo fodi... comigo. Mas eu não liguei, era de noite e estava lua. Ele foi para Cascais vender e eu fiquei a pescar com a lua. De noite, com a lua, ainda dava mais peixe. No outro dia, quando cheguei a Cascais o gajo ficou bera. Eu fazia aventuras destas.»

Em 26 de Maio de 1964, Serafim Pereira, na qualidade de mestre da embarcação “Luta pela Vida” por ter sido encontrado a arrastar a menos de três milhas da costa, foi condenado a quarenta dias de prisão e a apreensão da carta e Cédula de Inscrição Marítima por noventa dias.

Segundo Serafim Pereira passou-se o seguinte – «Estava a pescar em frente à Barra de Lisboa. Era onde dava mais peixe. Foi ali quase encostado a Cascais. Havia um barco a arrastar ao pé de mim. Veio o barco de guerra do norte, de norte para o sul. Nós estávamos sempre à espera que o barco de guerra viesse da Barra como era costume, do Espichel ou coisa assim. O gajo vem direito aos dois. O que é que faço? Corto os cabos. Dou a volta e vou direito a Cascais. Deixei a rede no fundo. O Comandante prendeu o outro, não me prendeu a mim, por que o outro tinha o saco cheio de peixe. E, o gajo disse para o comandante – Então você prendeu-me a mim e não prendeu aquele? O comandante respondeu-lhe – O barco vai a navegar!»

Serafim ficou debaixo de olho do comandante do draga-minas. «Passado dias, estava a pescar com nortada de esgalhar, o escatel da roda do guincho estava arrasado. O mar estava cheio de vento. Queríamos virar o aparelho para dentro e não conseguíamos. Quando o draga-minas da fiscalização chegou, eu não conseguia meter a rede dentro. O comandante dizia para eu meter a rede dentro. Eu dizia que não podia. Ele repetia. Até, que me mandou seguir para Setúbal. E deu-me essa porrada.»

¹⁸A “Casa dos Lusos” era o nome que os pescadores davam à empresa armadora pertencente à Família Sousa Uva. Tinha escritórios no Corpo Santo, em Lisboa. Os barcos tinham matrícula da Figueira da Foz.

¹⁹Cabo da Roca.

Serafim voltou a embarcar, de mestre de pesca, no “S. Gonçalo”, de Bagão, Nunes & Machado, Lda., sedeadada na Avenida 24 de Julho (01.03.1965-31.03.1965), no “Lavadores” (01.04.1965-28.07.1965), no “Lavanco”²⁰, da “Empresa de Pesca Jamar, Lda.”, sedeadada em Matosinhos, no “Luso”, da “Casa dos Lusos” (01.10.1965-22.10.1965), no “Bussaco”²¹, de “Bagão, Nunes & Machado, Lda.”, (23.10.1965-06.06.1966), novamente, no “Luso” (25.04.1967-29.04.1967), no “Alfredo José”, da “Casa dos Lusos” (01.05.1967-04.12.1967), no “Marisco”, antigo “Luta pela Vida”, que foi modificado para arrastão pela popa, depois de ter sofrido uma avaria na máquina (27.12.1967-12.11.1968), como encarregado de pesca, no “Comandante David Carvalho”, de Meloas, (13.11.1968-03.05.1969) e no “Cigala” (03.05.1969-21.05.1969), de António Feu, proprietário da “Fábrica de Conservas Feu Hermanos, Lda.”, de Portimão, e novamente, como mestre de pesca, no “Marisco” (24.08.1970-27.08.1970). Serafim pescou sempre em arrastões laterais até embarcar no “Marisco”, altura a partir da qual passou a pescar em navios de arrasto pela popa.

«O “Zé do Norte”, natural da Costa de Lavos, na Figueira da Foz, sabia que eu conhecia o comandante da “Espadilha” e desafiou-me para ir de mestre (contramestre) com ele no “Luso” (Lusito). Fui de mestre (contramestre). A gente estava a pescar e apareceu a “Espadilha”. O comandante disse para o mestre – Oh Mestre, meta a rede dentro! Repetiu – Oh Mestre, meta a rede dentro! O “Zé do Norte” estava lá em cima e disse-me – Oh Serafim, ele está a mandar pôr a rede dentro. Estávamos a escolher o peixe. Arreei as botas para baixo, e disse ao mestre – Meta-se lá dentro do camarote. Ele meteu-se dentro do camarote. Eu cheguei à aba da ponte e acenei-lhe com a mão. Ele reconheceu-me e disse-me – Então, Oh Serafim, você agora anda aí? Respondi-lhe – Ando sim, Sr. Comandante. O comandante perguntou-me – E, então a pesca? Respondi-lhe – A pesca é fraca, Sr. Comandante! A pesca é fraca, Sr. Comandante! O comandante disse-me – Então está bem. Adeus. E, seguiu.»

«Entretanto, dá-se uma barafunda. Souberam que o barco de guerra tinha estado ao pé da gente, e tal. Os patrões diziam-me – Você, ainda vai preso!

O encarregado da descarga em Cascais, chamado Silvino, é que fazia a barafunda. Os patrões mandaram chamar todos os mestres. Entrei para dentro do escritório. Um deles, o Almirante Uva, virou-se para mim e perguntou – Oh Serafim, você tem carta de mestre? Respondi – Tenho sim, Sr. Almirante. O Almirante disse-me – Está bem. Depois chamou os outros mestres e disse – O “Zé dos Reis” fica no “Luso Arrasto”, o “Zé Casado” fica no “Lusito”, o “Zé Rato” fica no “Luso” e o Serafim vai governar o “Alfredo José”.

Houve ali uma revolução, porque o “Zé do Norte” [José dos Santos Soares Arsénio], natural da Ericeira, andava de mestre no “Alfredo José” e ficou sem o lugar, porque havia ali uma ciganagem. Estava feito com o gerente, que era um rapazito chamado António pertencente à família dos patrões. Ele ganhava 5%, mas só recebia 3%, porque os outros 2% iam para a mão do gerente. Ele não se importava que o barco fizesse pouco dinheiro, queria era o dele. Descobriu-se a “marosca”.

A partir desse dia, o “Zé do Norte” deixou de me falar, nunca mais me falou. Mas, eu não tive culpa. O patrão é que mandava. Andei nesse barco, uma teca de tempo. O “Luso” (“Lusito”) andou muito tempo na Figueira. O mestre andou lá um tempo. Não se deu bem com o barco e veio para o sul. Eu passei para o “Lusito” e o “Alfredo José” foi para o norte. E, qual era o problema lá no Norte?

A Barra da Figueira da Foz era muito baixa e os barcos quando entravam batiam com no fundo. Por isso é que os barcos da Figueira da Foz tem a quilha forrada com ferro por baixo como têm os barcos da Ericeira. Quando havia um bocadito de mar, o mar galgava em cima dos barcos. Se entrassem com meia maré, era um caso sério. Ao Norte, pesquei até S. Pedro.»

²⁰O arrastão “Lavanco” foi reconstruído em 1941. Tinha uma máquina de 110 H.P., 59,530T de arqueação bruta e 20,71m de comprimento. A capacidade de pesca era de 16/18T. Os paióis possuíam 12T de capacidade. A companhia era constituída por dez homens. A velocidade máxima de arrasto era de seis milhas.

²¹O arrastão “Bussaco” foi construído, em 1945, na Gafanha da Nazaré. Tinha uma máquina de 391 H.P., 126,97T de arqueação bruta e 28,10m de comprimento. A capacidade de pesca era de 35/40T. Os paióis possuíam 36T de capacidade. A companhia era constituída por nove homens. A velocidade máxima de arrasto era de quatro milhas.

«Em Sines, chegavam a estar quinze, vinte barcos a pescar ao chicharro, ao lado uns dos outros. A sonda mostrava o fundo e por cima fazia uns tracinhos; era o chicharro. Por exemplo, na “Malha Grande”, que dava pargo, a sonda dava umas bolhas.

Eu cheguei a andar a arrastar em Sines a noventa braças com um barco do Mestre Mónica. Ninguém arrastava aí; era eu só. Porque a noventa e duas braças está-se na parte sul do fundão. A noventa e duas braças existe um peguilho, uma pedra, onde os pescadores de Sesimbra iam apanhar pescada, à linha, à mão, não era aparelho, era à mão. Eu sabia que a pedra estava ali, por que eu via-os lá a pescar e vinham ter com a gente, a pedir peixe-rato. O peixe-rato deita um líquido na barriga, que depois era esfregado na isca e fazia candil. Eles vinham pedir-nos o peixe-rato, que deitávamos ao mar, para fazer isso.

A linha tinha o anzol em baixo com sardinha. Uma braça acima tinha um bocado de pata-roxa esfolada, cortada a meio. Os pescadores esfregavam esse candil na pata-roxa para dar luz. O peixe está ao longe, vê a luz, vai e depois vai à isca, que era sardinha. Eu descobri isto por eles.

Uma ocasião, fui largar lá a rede, no barco “Mestre Manuel Mónica” e o fundo marcava aquilo. Ao fim de duas horas, que grande teca de chicharro e pescada! Fui logo descarregar a Setúbal.

«No “Mar da Areia”, que deu o nome ao restaurante daqui, o meu pai andava a arrastar em Setúbal no “Gamba”. Andei num barco igual e vim-me, embora por causa dele, logo ao fim do primeiro dia. Andava ele e um barco, dos mais modernos, o “Joaquim Fernandes”. iam a arrastar, na minha frente. Eu andava no “Alfredo José”. Pensei – O que é que eu vou a fazer atrás deles? Não vou fazer nada. Vou fazer uma habilidade. A serra de Sintra [avistada do mar] tem o Castelo e a Pena, no meio da serra. Ao Palácio da Pena chamamos Nossa Senhora. Cá fora da serra existe um convento que a gente chama a Peninha. Por terra da Roca existe um triângulo, que é amarelo. Um triângulo nas ribas, junto ao mar, que a gente chama o “Triângulo”. O arrasto faz-se com a Peninha ao “Triângulo”. O que é que eu faço? Meti a Peninha ao “Combro do farol”. Quero dizer, tem o farol da Roca. Depois tem a ponta do farol e um bocadinho por dentro para o norte, por dentro do farol, visto de longe, faz uma cova escura. Faz por dentro uma sombra escura, chama a gente o “Combro do farol”.

Eu meti a Peninha ao “Combro do farol” e larguei a rede. Fui por aí fora. O meu pai dizia [via rádio] – Oh, pá, vais para aí! Ficas sem rede! Cheguei lá fora às noventa braças e dei a volta para terra. Regressei para terra pelo mesmo sítio. Quando eu fui à rede, ai mãe! Tinha o saco cheio pela boca de chicharro. Deu trinta e duas lagostas. Mas lagostas da pedra. A rede vinha espicaçada por baixo do coral, descasquei-a logo. O meu pai nunca ia para aquele sítio.»

«No arrasto lateral, quando a rede ficava presa, tínhamos a paciência de dar a volta, largar os cabos. Como o barco arrastava pelo lado, tinha uma patesca à popa. Depois de largar os cabos, ficava um homem à popa e outro à proa a virar a rede. Dávamos a volta devagarinho, devagarinho e metíamos o aparelho a pique. Às vezes, a pique, partia e vinha. Quando não partia deixava estar os cabos esticados e o navio com o balanço, pum, pum, até que o cabo partia e vinha. Era preciso, era paciência. Eu trabalhava assim.

No “Luso” cheguei a estar um dia inteiro fixe na Barra de Lisboa, na fundura. Mandeí a malta deitar-se, quem estava de quarto tomava conta. Renderam-se uns aos outros. A dada altura, em que estava deitado, o vigia veio chamar-me a dizer – Oh Mestre, parece que isto cedeu. O cabo tinha-se partido. Vira, vira. Tinha-se partido um tirante. Um cabo da pana, um cabo misto de sisal e arame. A rede veio para cima. Veio tudo para cima.

«O meu pai andava no “Gamba” e eu fui chamado para o “Cigala”. Os dois barcos pertenciam ao armador Feu, que tinha escritórios em Setúbal. Os dois barcos eram iguais. Saímos para o mar e fomos pescar para o “Cabo Feito”. Ao meio-dia, fomos à rede e o meu pai perguntou-me [via rádio] – Então que tal a pesca? Eu respondi-lhe – Olhe, apanhei cerca de 150 canastas. Observou-me – Eh pá, isso é bom! Eu apanhei metade. Se eu fosse a ti ia já para terra antes que chegue outro. Fui na conversa dele. Fui para terra. Passado, aí três horas apareceu o meu pai em Cascais. Isto estava tudo preparado. Eu estava em cima da ponte. O contramestre do meu pai ia a passar por cima da muralha e eu perguntei-lhe – Oh “Zé Rita”, então que tal a pesca? Respondeu-me – A pesca foi boa. Apanhámos trezentas canastas em dois lances. Então, o meu pai disse-me que tinha apanhado umas

setenta canastas no primeiro lance. E ele disse-me – Então, você ainda se fia no seu pai? Cheguei ao pé do Sr. Manuel Machado [patrão] e disse-lhe – Dê-me o bilhete de desembarque, que eu vou me embora. O meu pai fez-me muitas.»

Em 1 de Junho de 1970, Serafim Pereira foi punido, pelo Capitão do Porto de Lisboa, com vinte dias de prisão em estabelecimento prisional local e apreensão da carta e Cédula de Inscrição Marítima por sessenta dias.

Ouçamos Serafim sobre este castigo – «Isso foi no “Helena Vilarinho”. Eu estava à espera que o draga-minas se fosse embora. Estava parado fora da hora. Eu tinha apanhado um dia antes, ali na Caparica, uma teca de robalos. Estava a ver se o gajo se ia embora, quando o comandante mandou um guarda-marinha, que andava a praticar, a bordo. Ele chegou e perguntou-me – Oh Mestre, o que é que está aqui a fazer? Eu respondi-lhe – É qualquer coisa com a máquina. Eu estava combinado com o primeiro. De vez em quando ele arrancava a máquina, depois parava, arrancava, parava. O guarda-marinha voltou ao draga-minas e disse ao comandante – O barco está com avaria. Está parado. E o comandante retorquiu – E, então a rede? A rede está molhada, meu Comandante – Respondeu o guarda-marinha. Mas, eu antes tinha-lhe dito, quando ele me observou que tinha a rede molhada, isso foi porque trabalhei ontem, a rede de noite não enxuga. Não tinha peixe no porão, não tinha nada. Mas, o gajo lixou-me. Mandou-me para Lisboa. Fui para a Capitania. Aconteceu aí uma coisa engraçada. O Capitão do Porto de Lisboa é que me deu a sentença. Quando eu estou na Capitania para o gajo me dar a sentença, veio um velhote que devia ter a idade que eu tenho hoje, com certeza. Chegou-se ao pé de mim e perguntou-me – Você, é que é o mestre do barco? Respondi-lhe – Sim, sou. E disse-me – Olhe, eu sou seu advogado. Perguntei-lhe – Você é meu advogado? Respondeu – Sim, sou seu advogado. Era o advogado de contencioso. Perguntei-lhe – Você sabe alguma coisa do que se passou? Respondeu – Não, não sei de nada. Disse-lhe – Então, vá-se embora, não é preciso. Receba o dinheiro e vá-se embora. Perguntou-me ainda – Você não quer que eu o defenda? Respondi-lhe – Não. Para quê? Já sei que o barco vai apanhar vinte dias de suspensão. Já sei que o patrão tem outro mestre para o meu lugar. Depois, disse para o comandante – Pode dar-me já a sentença Senhor Comandante. Já sei que o Senhor me vai dar sessenta dias de suspensão da cédula e o patrão já tem outro mestre para o meu lugar. O “Helena Vilarinho” vai para Aveiro, o patrão vai aproveitar para fazer uma reparação. O prejudicado sou eu, mas quando as coisas corriam bem, o patrão é que ficava a ganhar. Foi assim, o que se passou no “Helena Vilarinho”».

Serafim Pereira voltou a embarcar, de encarregado de pesca, no “Luso” (29.01.1971-29.06.1971), no “Dolores”, antigo “Capitão Bella”, que depois de modificado, levou uma máquina nova mais potente, um motor “Mack” de 600 H.P. (12.09.1971-26.11.1971), de um radiologista com consultório nos Restauradores, que era médico na Doca Pesca, no “Praia da Barra”, antigo navio “Socorena”, dos “Vilarinhos de Ílhavo”²² (22.12.1971-29.03.1973) e no “Helena Vilarinho”, igualmente da “Empresa de Pesca João Maria Vilarinho” (29.03.1973-12.11.1973).

«Aqui, por cima de Mafra, existe uma carreira de tiro. Há uma serra por cima da carreira de tiro que vem a direito e depois cai. A serra cai para o lado norte. É aí a carreira de tiro. O sinal é – a carreira de tiro à Igreja de S. Julião. Situa-se na parte sul do “Mar do Avô”. Larga-se a rede a sessenta e duas braças, com a popa no sinal e vai-se até às setenta e tal braças. Quando se chega às setenta e tal, anda-se para norte. Faz-se uma hora de arrasto para norte e depois dá-se a volta. Regressa-se outra vez ao mesmo sítio.

Dentro do “Mar do Avô”, que é o mais ladrão, metia “Névoas” a meio da Foz do Lizandro e vinha para terra. Vinha para a roubalheira. Apanhava linguados, robalos, pregados, tudo.

Metia-me no Cabo David, estava às escuras, a bordo do “Dolores”. Quando vinha o dia, olhava para o Cabo da Roca e alinhava resvés a “Bitureira” [“Aventureira”], a pedra grande que está lá, com o “Triangulozinho”. Metia este sinal e passava pela borda de água. Passava pelos prédios da Praia das Maças e ia até lá fora ao Cabo da Roca.»

Uma vez, «eu ia a arrastar para terra a caminho da Samarra, o Carmino [Carmino Dias Pedro] (já falecido), filho do “Chico da Duca”, e o “Zé Caboz”, estavam debruçados no guincho a conversar.

²²“Empresa de Pesca João Maria Vilarinho”.

O Carmindo disse para o “Zé” – Oh “Zé”, isto é capaz de ter passagem, lá por terra, para sul. Eles foram-se deitar, não se preocupavam com o rumo do barco. Quando cheguei a terra, meti para sul e lá vai o Serafim a 12, 13, 12, 13 braças, quando os chamei para irem à rede, disse o Carmindo para o “Zé” – Oh “Zé”! Olha, ele passou! Estas eram as aventuras que eu fazia.»

Em 12 de Novembro de 1973, Serafim Pereira foi punido com a pena de quarenta dias de prisão e apreensão da carta e Cédula de Inscrição Marítima por quarenta dias por ter sido encontrado a pescar ao arrasto à distância de 1,1 milhas de terra. «Foi na Caparica, no “Helena Vilarinho”.» Embarcou no “Ilha do Faial”, da Empresa Portuguesa de Pesca (14.03.1974-30.10.1974), novamente, no “Dolores” (04.11.1974-29.01.1975), no “Comandante David Carvalho” (01.07.1976-25.11.1976) e no “Cabo Branco”, da “Casa dos Cabos” (21.03.1977-19.04.1977).

Em 6 de Junho de 1974, ascendeu, nos termos da lei então publicada, a mestre costeiro pescador. «Em frente a Lisboa, a fronteira da zona interdita ao arrasto era definida pelas seis milhas, agora é pelas doze. Depois das seis milhas, a fronteira passa a ser definida pela linha entre cabos. Por exemplo, pela linha que fica seis milhas para fora, da linha entre o Cabo Espichel e o Cabo Raso. Onde não existem cabos a fronteira é definida pelas doze milhas. Se existirem cabos, por exemplo, entre o Espichel e Sines, há uma grande enseada, entre o Espichel e Sesimbra, há uma pedra denominada “Arcazil”, e há a “Malha da Caracola”, na costa de Setúbal, para o lado de Sines, lá para baixo, é uma linha traçada entre a “Malha da Caracola” e o “Arcazil”, e depois seis milhas para fora, quero dizer, em Sines, a zona onde não se podia pescar ia até às dezassete milhas. Já não se podia pescar naquele sítio. Muitos já não podiam pescar em Sines, tinham que ir arrastar para o “Mar do Avião”, para as 200 braças, ou coisa assim. Para mim, a costa mais rica em peixe era a da “Malha Grande”, situada nessa enseada, e a de Sesimbra.

Quando comecei a governar, não seguia os conselhos do meu pai. Era mais aventureiro. Eu aventurava-me muito. Quando comecei a governar, era como o polvo, andava por um lado e pelo outro.

O “Mar do Chapéu” era todo ele proibido, mas dava cada lagostim e pescada, que era uma maravilha. A zona em terra, no “Mar do Chapéu”, foi descoberta por mim.

Quando íamos de Lisboa largar a rede em Sesimbra, passávamos o Espichel, o pesqueiro ficava a quatro milhas. Quando íamos para sul não víamos o Castelo de Sesimbra. Assim que víamos o castelo, por exemplo, a cerca de duzentas braças, largávamos a rede, a caminho de sueste.

Estávamos dentro da zona. Apanhávamos pescadas e lagostins. É como no “Mar do Chapéu”, que fica mesmo no focinho do Cabo Espichel. O “Chapéu” é uma lombada em terra por cima de Sesimbra. A lombada servia para nunca nos deixar avançar para norte. Se passássemos a arrastar muito a norte, a rede partia-se. Às vezes, largava a rede mesmo debaixo do Cabo Espichel.

Eu tinha outra marca para pescar no focinho do Cabo Espichel, rente ao mar, no “Mar do Chapéu”.

O focinho do cabo rente ao mar, por baixo do farol, tem dois buracos que parecem dois olhos, que ali estão. Metia o farol a meio dos dois buracos e largava a rede a trinta e cinco braças, mar fora, mesmo encostado ao farol, depois ia afundando, afundando, até que apanhava 150 braças, depois abaixava, abaixava, ia até às 100 braças, e depois tornava a afundar e ia até às 500 braças.

Às vezes, largava a rede com este sinal a cento e cinquenta braças. Íamos sempre a arrastar, por aí fora. Sempre com este sinal do “Mar do Chapéu” pela popa. Sempre mar fora. Quando o aparelho chegava fora de fundo, às quinhentas braças, o aparelho estava aí às trezentas braças, dali, para fora já não interessava arrastar, dava a volta pelo norte, e vínhamos até às cento e cinquenta braças, outra vez.

Um dia, eu vinha com este sinal e pensei – Deixa-me experimentar, se isto vai mais a terra. E veio. Veio. Veio, até que cheguei até às trinta e cinco braças. Estava mesmo por debaixo do Cabo. Estava ao pé das pedras. Começámos a virar a rede. Vira. Vira. Quando a rede chegou à borda, vinha cheia de palha, mas estava pesada. Foi preciso passar um estropo à talha para virar o saco. Eh pá! Quando despejámos o saco, aí tanta lagosta! Tanta lagosta! Lagosta branca. Eh! Tanta lagosta! Tanta lagosta! Disse eu assim – Eh pá! Já estamos safos. Vamos embora para Cascais.

Aí, quando largava das trinta e cinco até às cento e cinquenta braças, às vezes, apanhava cada teca de lagostas. Lagostas brancas. Chama a gente lagostas brancas. Assim, que vinha a palha na rede, já

sabia que apanhava lagostas. A lagosta branca é parecida com a de Cabo Branco. É branca e maior do que a nossa [da Ericeira]. O meu pai não fazia isso; largava por fora.

Nessa época, eu vendia o peixe na lota de Cascais. Enchemos uma quantidade de canastas de lagostas sem medida para a malta comer com fartura. E, no outro dia, lá estava o Serafim caído outra vez a arrastar no mesmo local. Fazia só aquele bocado de arrasto. Das 150 braças para fora começava a afundar pouco a pouco, para terra afundava também, vinha até às 170 braças e depois começava a baixar, a baixar, até chegar mesmo ao focinho do Cabo. Conhecia essa zona melhor do que o meu pai.»

Serafim Pereira tinha um roteiro pequeno próprio «para andar debaixo da camisa para o meu pai não ver. Depois fiz este [mostra o actual] e esse desapareceu. Eu dei a mão a todos os meus irmãos. O meu pai era bom, só para os de fora. Eu era aventureiro. Andava por um lado e pelo outro, por isso, é que o meu pai não me gramava, para além dos problemas familiares.

«No “Cabo Feito”, pescava a 80, 85, 90 braças, para apanhar chicharro ou peixe. O “Rebenta Casacos” situa-se por fora do “Cabo Feito”, em frente à Barra de Lisboa. O “Rebenta Casacos” é o mesmo mar, mas como é mais fundo tem, por isso, outro nome. É bom para apanhar marisco. Situa-se das noventa braças para fora.»

«A “Malha Grande” era o pesqueiro mais rico em peixe. Para mim é o melhor pesqueiro do país. A “Malha Grande” é uma malha branca de areia por cima de umas ribas encarnadas que têm cerca de quinze metros de altura. Tem muita qualidade de peixe. Tem carapau, meio chicharro, linguado, azevia, pargo, pregado, rodovalho, salmonete, corvina. Tem tudo. Não tinha gorazes. Não tinha pescada. Na costa de Setúbal há muitas vieiras. Lá; dava muito; vieiras. Tinha muitas vieiras, mas a gente atirava-as ao mar. Deitávamos fora canastas e canastas de vieiras.

A gente chegava lá, aquilo, na parte norte do pesqueiro, tem um fundão que vem comunicar com Sesimbra. Na parte norte é Sesimbra. Apanham-se lagostins. Vai até às quatro milhas do Cabo Espichel. A parte sul do fundão é Sines. É o “Mar de Sines”, das noventa e duas braças para a terra, não se pode pescar. É pedra. A partir das 130, 150 braças também tem pedra. Depois, mais ao sul, quando o fundo começa já a fazer uma curva, é que já se pode andar para fora. Vai comunicar com o “Mar do Avião”.

Larga-se na bordada do fundão, que separa Sines de Sesimbra. Largava na parte sul, ali por fora da Comporta. Regulávamo-nos pela bordada do fundão. Chegávamos um bocadinho ao sul da bordada do fundão. Navegávamos para norte até apanhar o fundão a 45, 50 braças, depois é que largávamos a rede. Podia-se ir duas horas para o sul pelas 40, 42, 44 braças, e depois dava-se a volta. Este era o trabalho do meu pai. Ou então pelas 30, 32 até levar Santiago do Cacém à “Malha da Caracola”.

Quando andava com o meu pai e ele ia dormir, chamava-me e dizia – Anda cá para cima um bocado, que eu vou descansar. E, eu ia lá para cima. Andávamos, em terra, nas 30, 32 ou nas 40, 42 braças.

Nas quarenta, quarenta e duas braças, ele fazia duas horas para o sul, depois dávamos a volta e vínhamos para norte. Quando chegava ao fundão íamos à rede.

Pelas trinta e duas braças, largávamos a norte também pela rodada do fundão. Íamos para o sul até levar a “Malha da Caracola” a Santiago do Cacém. Era a marca que a gente fazia. Íamos a quatro nós, três e meio. Às vezes, não convinha dar muita força à máquina, que era para apanhar linguados e isso. O barco demorava quatro, cinco horas a fazer aquilo, por aí abaixo. O barco dava dez nós.

Uma ocasião, o Serafim ia a governar por aí abaixo pelas quarenta e duas, quarenta e quatro braças, com duas horas de arrasto. Pensei – Eu vou puxar para fora, pelas cinquenta, cinquenta e duas braças até meter Santiago pela “Malha da Caracola”. Depois dei a volta. Vim pelas cinquenta e oito braças, duas horas para o norte. Quando começou a marcar pedra, fui à rede. Eh pá! Tanto pregado! Tanto pregado e linguados. Alguns elementos da companhia eram da Ericeira. Está aí um, ainda vivo, que é o João Cassapo, o Carmindo, o Miguel, que morava aqui ao norte, o “Quinita”, o pai do João Cassapo, o “Zé Partilheira” [José Cassapo], o Canina [José Roberto Timóteo], o pai destes Caninas, andou lá tanta gente comigo, eu sei lá!

Houve uma altura em que estávamos a pescar em trinta e duas braças. Nesse pesqueiro existe a “Malha Grande” que está pelo sul da Comporta. Existem umas casinhas e um regueirão. A “Malha

Grande” fica ao norte do regueirão e ao sul da Comporta. Ao norte da “Malha Grande” existem uns regos. Parece que foram lavrados. Tem três ou quatro carreiros. Na parte sul do pesqueiro, apanha-se pedra. Por cima da praia tem uma malha de areia que parece um caracol. Vista do mar parece que está ali um caracol, por isso, chama-se “Malha da Caracola”. Quando se chegava a sul com a “Malha da Caracola” alinhada com Santiago íamos à rede ou dávamos a volta.

Cheguei ali. Ia pelas trinta e duas braças. Comecei a andar para terra, pois em frente ao regueirão, de vinte e oito braças para terra, existem dois cabeços grandes. Duas pedras valentes, grandes. Uma em vinte e duas braças e outra em vinte e cinco, vinte e sete braças. Depois de passar essas pedras, pelo norte, meti a proa a terra. Apanhei as 17 braças de água e vai o Serafim pelas, 17, 17, 17 braças. Fui pelo norte dentro até fazer fixe. Fez fixe. Dei a volta e fui buscar o aparelho. Eh pá! Ai tanto pargo! Tanto pargo! Tanto besugo! Tanta raia, e vinha aquela rama vivinha do fundo, os “tranquinhos” do fundo. Eh, pá!

O meu pai estava a arrastar por fora. Na rede não se partiu nada. Larguei outra vez. Ao chegar em frente à “Malha Grande” comecei a puxar para terra, 12, 13, 12, 13 braças, de vez em quando, sentia um esticão. Era a pedra. Deixa ir. Deixa ir. Assim que passei o regueirão para sul, pensei – Já estou safo. Deixa ir. Deixa ir. Vim outra vez pelas dezoito braças e tentei meter outra vez a marca, a “Caracola” a Santiago, e fui à rede. Eh pá! Hei! Grande sacada de peixe! Grande sacada de peixe! Calei-me muito bem caladinho. Não disse nada ao meu pai e naveguei para Cascais.

Quando ia a sair diz o meu pai para mim [via rádio] – Então, vais-te embora? Disse assim – Tenho que ir para terra. Tenho aqui uma avaria no motor. Um tubo está roto. Já meteram uma braçadeira. Tenho de me ir embora. Desandei, para norte, para Cascais. O barco já não era do Inácio Ferreira, era de outros patrões que tinham navios bacalhoeiros. Vendi; enchi a lota de Cascais duas vezes. Depois, só descarregavam os barcos do marisco. Da malta que levava peixe, ninguém descarregou. Eram duas horas da noite. Navega outra vez para sul. Tinha as costas quentes do comandante da “Espadilha”.

Eu cheguei a arrastar em Tróia, pela borda de água, em doze braças, e estarem a nadar ao pé do barco, a tomar banho. Eu cheguei a arrastar com as banhistas ao pé de mim. As gajas a nadar e eu a arrastar. Para mim, a costa de Setúbal é a costa mais rica em peixe. Naquela costa, apanha-se sempre, em todos os lances, três, quatro, canastas de salmonetes. Uma canastra levava 40kg de peixe.

Um dia, passou por mim a traineira “Emília”. Eu por acaso quando estive a residir em Setúbal até morei em casa do mestre dessa traineira. Quando passou ao pé de mim, o mestre perguntou-me – Oh Mestre, quem é o pedreiro que você tem aí a bordo. O pedreiro era o gajo que mirava as pedras. Digo eu assim – Olhe, o pedreiro está ali. Apontei para as redes, que eu tinha em cima do tombadilho. Disse-lhe – As redes estão ali. Respondeu-me – Eh, pá, eu não sabia que se podia pescar aqui! Seguiu e foi fazer a sua pesca.

Quando tinha a pesca “empachada” era da “Malha Grande” para sul que eu me ia safar. Largava a rede pelas dezoito braças para o sul. Quando chegava à “Malha Grande” cortava a força da máquina e mandava um homem para os cabos, meter a mão nos cabos para sentir a rede, como fazemos na pesca com linha. Quando o barco pegava ou as portas batiam na pedra o homem avisava – Olha que vem a arranhar!

Uma ocasião, fiz isso. O meu mestre de redes era o António “Mil Homens”. Já morreu. O António ia nos cabos. Eu estava nas 12, 13 braças, mesmo em frente à “Malha Grande”. Nunca tinha feito aquele trabalho e o António disse-me – Vem a arranhar! Vem a arranhar! Como não fiz caso, o homem largou os cabos da mão. Fui, fui, fui até que passei a zona de pedra. Depois faz um regueirão que vai ter a Alcácer do Sal. Assim que cheguei ao fim do regueirão sabendo que dali para baixo não havia nada fui por aí abaixo até à “Malha da Caracola”, a 18, 12, 16, braças. Quando fui à rede veio uma sacada de peixe, robalos e tudo.

Eu estava a pescar no “Cabo Branco” e estava o “Cabo Esby” a pescar em Sines ao chicharro. Quando fui à rede apanhei umas 150 canastas de peixe. Os outros apanharam umas trezentas. Tinham uma rede maior e o auxiliar do “Cabo Esby” começou a gozar comigo por ter apanhado só 150 e eles terem apanhado trezentas. Ora, eu é que lhes andava a explicar os pesqueiros. Eles

conheciam bem a Mauritània. Aqui não sabiam. O “Zé Fernandes”, de Ferragudo, tinha andado de mestre de leme comigo. Eu ensinei-lhe muita coisa. Ele até era mestre. Entrei em conversa com o meu amigo “Zé Fernandes” e ele informou-me que ao sul do Sardão²³, por fora da Arrifana, estava sinal de peixe-espada pelas 200, 205 braças. Ele passou-me o sinal e eu naveguei para sul e disse para o capitão – Capitão meta uma rede bacalhoeira à borda e navegue para sul até vinte e cinco milhas do Cabo de S. Vicente, a duzentas braças. Estava ao pé do capitão, o mestre auxiliar da Mauritània que observou – Você vai pescar com uma rede bacalhoeira a duzentas braças? Com a rede bacalhoeira a gente só pesca a 20, 25, 30 braças. A rede bacalhoeira nesse fundo não pesca. Eu disse-lhe – Os bacalhoeiros, os arrastões bacalhoeiros, trabalham com redes bacalhoieras em 200 braças e mais e você está a dizer-me que a rede não pesca. O capitão confirmou – É verdade os bacalhoeiros pescam a 200 braças com a rede bacalhoeira. Eu afirmei – Por isso tem o nome de rede bacalhoeira. A rede bacalhoeira é mais alta. É mais fechada e o arraçal tem roletes por baixo, esferas de vinte polegadas ou mais de acordo com o tamanho do barco. Nós tínhamos redes com esferas de vinte polegadas, mas as do “Cabo Esby” tinham vinte e cinco polegadas. O resto da rede vem no ar. Eu estava danado de me estarem a gozar e do outro estar a desfazer no meu trabalho. Virei-me para o capitão e disse – Se quiser mudar a rede, mande mudar a rede. Se quiser levar o barco para onde eu estou a dizer, leve. Se não quiser, leve-o para Lisboa. Eu já estava farto que gozassem comigo.

O capitão pôs o barco a navegar e mandou mudar de rede. Mais tarde, chamou-me e disse – Oh Serafim, já cá estamos. O auxiliar, o mestre “Zé do Norte”, do Algarve, estava de roda da sonda. Perguntei-lhe – Oh Mestre “Zé”, o que é que você está aqui a fazer? Vá se embora lá para baixo! Rua daqui para fora! Respondeu-me – Eu sou o auxiliar. Disse para o capitão – Capitão vá buscar o rol de embarque [documento onde estão registadas as matrículas da tripulação]. O capitão foi buscar o rol ao camarote. Eu perguntei ao auxiliar – Sabe ler? Então veja aqui – Serafim Pereira, encarregado de pesca. Você aqui não é nada. Chegando a terra ou vai você ou vou eu. Está claro, foi ele. Larguei a rede. A parte sul do pesqueiro a umas vinte milhas do S. Vicente faz uma serra; uma serra no sentido leste oeste. Os barcos iam normalmente pelas 200, 205 braças, chegavam ali, davam a volta e vinham outra vez para norte, quero dizer, nunca ninguém pensou em subir a serra. Levava roletes e sabia que o peixe estava na lombada da serra. Levava 500 braças de cabo. Virei cabo, virei cabo. Fiquei só com 400 braças de cabo. Comecei a subir a serra. Quando cheguei às cem braças, comecei a andar para oeste, a andar, a andar. Fui a caminho de oeste, sudoeste, por aí fora até que comecei a ver bóias de um barco que estava fora, um dos barcos da pescada de Sines. Dei a volta e meti proa no S. Vicente, sempre por cima da serra. Quando começou a mostrar pedra alta fui à rede e enchi o barco de peixe. Era pescada, peixe-espada, cachucho. Eu nunca me lembro de apanhar cachucho na costa. Cachucho grande e lindo. Lindo cachucho! Os cabo-verdianos, que andavam a bordo diziam – Eh pá! Isto é melhor do que na Mauritània! É melhor do que em Cabo Branco! O barco estava cheio de peixe-espada. Ainda não estava contente. O pescador é sempre ganancioso. Depois de ter o barco cheio de peixe, larguei a rede outra vez. Vínhamos a arrastar. Quando passo ao pé dos outros, o “Manel”, que nos viu pelos binóculos, virou-se para o “Zé Fernandes” e disse – Oh “Zé”, olha, alugaste-lhe um quarto e ele apanhou-te a casa toda. Quando cheguei à parte norte do pesqueiro, a vinte e cinco milhas, fui à rede e naveguei para Lisboa. Cheguei a Lisboa era duas horas da noite, mas ainda fiz uma descarga. O navio ficou para descarregar o resto e meter gelo.

Andava também no “Cabo Branco”, aqui fora da Ericeira, a arrastar no “Sudoeste da Berlenga”, que fica a catorze milhas da Berlenga e vinte e oito milhas do Cabo Raso. Dali para norte é fundo, para terra é pedra, desde que passe das cento e duas braças para terra é pedra. Largava-se para sul. Havia ali muito chicharro e estavam muitos barcos a arrastar. Alguns eram barcos novos de arrastar pela popa. Tinham mais força para arrastar. Eu arrastava pelo lado e havia ali mais barcos de arrasto lateral. Passado meia hora de eu largar na proa deles já todos tinham passado por mim.

Um mestre que era meu amigo, da Costa de Lavos, já morreu, perguntou-me [via rádio] – Oh Serafim, vais calçado? Respondi-lhe – Vou. Vou calçado. Calçado significava que levava roletes.

²³Cabo Sardão.

Perguntou depois – Então vais fazer aquele trabalho? Respondi-lhe – Vou. Eu não te disse que ia fazer o trabalho. A coroa, que divide o “Sudoeste da Berlenga” do “Mar de Sintra”, parece a serra de Sintra, por sul da serra é o “Mar de Sintra”, onde o meu pai trabalhava muito, pelo lado norte é o “Sudoeste da Berlenga”.

Quando cheguei à serra, por cento e tal braças, comecei a subir a serra. Virei cabo. Apanhei as noventas braças e vou pelas noventa braças, vou, vou, até que começou a dar para sudoeste. Fui quase duas horas a caminho de sudoeste. Já vinha a arrastar há uma hora e tal. Fiz mais duas horas. Quando cheguei lá fora estavam também barcos a arrastar o fundo ali pelas 143, 145 braças, mas eu não me cheguei ao pé deles. Dei a volta, meti proa de leste e vim outra vez apanhar a coroa. Apanhei a coroa e depois comecei a apanhar a parte sul da coroa, quero dizer, a gente vê, se afunda para sul é porque estamos na parte sul, se abaixa para norte é porque estamos a norte. É assim que nos regulamos. Eu estava na parte sul da coroa. Comecei a andar pelas cento e dezassete braças, porque a vinte e duas milhas da Roca e cento e vinte e duas braças está um barco no fundo, o arrastão Cabo de S. Vicente que foi afundado no tempo da guerra por um avião. O meu pai era o mestre. Não mataram o pessoal. O barco foi para o fundo. Está lá esse barco e então tem que se vir pescar pelas 117, 118 braças, da parte norte, porque o casco está em 122 braças, mais ao sul. Depois o fundo começa a dar para sueste. O próprio fundo do mar, o feitio da serra, começa a dar para sueste. Deixa-se ir a sueste até apanhar 115 braças, quando se apanha as 115 braças ou se vai à rede ou se mete proa sudoeste e vai-se apanhar as 125 braças, para passar pelo sul do casco. Mas, eu quando cheguei aí fui à rede. Quando cheguei às 120 braças fui à rede. Para virar o saco, o saco era de nylon, tiveram que passar o estropo todo ao saco. O saco vinha cheio pela boca. Para galgar o saco para dentro do navio tiveram que pôr uma funda, que era um aparelho que abraçava o saco por baixo, para apanhar o saco. A malta estava toda parva. Ainda me lembro bem. Deu 34 canastas de goraz, só goraz, cada canasta levava 40kg. Era besugo. Era chicharro. Era pescada. Tornei a largar a rede por fora. Atravessei a coroa para o lado norte. Comecei a prolongar a coroa pelo lado norte a 90 braças e como são cabeços grandes, fui à rede. Foi outra grande sacada. Era duas horas da tarde e já ia a navegar para a DocaPesca, para ir descarregar. Naquela altura (final da década de 1980) esses dois lances valeram 404 contos (404.000\$00).

Quero dizer, eu tinha muitas aventuras destas. Por exemplo, ao norte de Santa Cruz, também com a rede bacalhoeira, eu atravessava aquilo tudo. Primeiro começava a oito milhas do Carvoeiro, a 32, 30, 32, 30 braças, às vezes, ia às 28 braças. Quando andei no “Cabo Branco” largava às oito milhas, com a rede de roletes [rede bacalhoeira]. Ia até às seis milhas. Depois dava a volta e vinha para o sul, outra vez, até às oito milhas.

Uma ocasião, pensei – Deixa ver o que é que isto faz. Comecei a andar para baixo. Fui até às dez milhas. Depois das dez milhas do Carvoeiro é que começou a marcar pedra alta. Começou a marcar pedra alta e fomos à rede. A rede vinha cheia das árvores e ervas do fundo. O peixe – besugo e pargo – sabia a fénico. O peixe foi todo para a lota. Comecei a descobrir o mar assim.

Um dia, pensei – Posso ir mais a sul. Estava um barco encalhado em Cambelas²⁴, um barco grande, que vinha carregado com um líquido qualquer.

Em Santa Cruz vi o navio pelo radar. Vim de Santa Cruz, por fora de Porto Novo. Das vinte e oito braças para a terra tem uns grandes cabeços. Às vezes, passávamos um bocado por fora dos cabeços. Passei por vinte e oito braças por fora dos cabeços e pelo radar meti proa ao barco. Vim por aí abaixo. De vez em quando, o aparelho dava uns saltos. Era quando apanhava pedra. Eu só parava se o barco ficasse parado. Vim até às dezasseis braças, a duas milhas de Cambelas, a duas milhas do barco. Vim de tão longe que disse – Vamos à rede. Fomos à rede e quando estou a virar o saco, qual é o meu espanto quando vejo um barco de guerra por fora de mim. Um barco de guerra parado, um draga-minas pensei – Eu vinha tão cego, que nem vi este gajo. Virou-se o saco. O saco vinha cheio de pargos, de besugos, de ruçadas, de choupas, de tudo. O saco vinha cheio. Arreei o saco. Meti-me a navegar e ele não me disse nada. O único problema era o meu pai. Com o meu pai não podia fazer coisas destas.

²⁴Em 15 de Fevereiro de 1978, o navio de mercadorias “Alchemist Emden” encalhou na Praia de Cambelas carregado de 1.600 toneladas de produtos químicos com elevado poder de explosão. Fonte – Jornal Badaladas de 2 de Março de 1978.

Quando os barcos foram proibidos de pescar na Maurítânia [1986], porque já não tinham licença, um patrão, que já tinha rendido o Santiago, porque já tinha morrido, um dos herdeiros, da Família Rato, o António Rato, foi a minha casa a Cascais. Disse-me – Oh Mestre Serafim, eu preciso de si para bordo do barco. Eu disse-lhe – Mas, eu estou reformado. Eu não posso ir. Respondeu-me – Mas, eu trato disso. António Rato foi à Capitania falou com o comandante e disse-lhe – Eu tenho uma companha a bordo e o barco não pode pescar. Eu, até vir a licença novamente para o barco ir para a Maurítânia, preciso deste mestre. O comandante autorizou que eu fosse para o mar, mas disse-lhe – Ele vai para o mar, mas você não faz descontos. Então, eu fui para o mar. Fui para o mar, ao apara-lápis para a farinha, lá para Setúbal. Descarregávamos em Setúbal. Pescávamos em frente a Lisboa, na “Malha Grande”, onde houvesse apara-lápis. A sonda marcava logo o peixe lá no fundo. Em vinte minutos apanhava cento e tal toneladas de peixe.

Numa ocasião, até me levou a rede e tudo! Não podia dar um bocadinho de folga, o apara-lápis metia a cabeça ao fundo, levava tudo. A rede tinha dois sacos. Às vezes, vinham barrigas e tudo cheio. Enquanto os sacos não vinham à borda, tínhamos um cabo em nylon, da grossura do meu pulso, passado ao saco, enquanto andávamos com o barco à volta para o saco vir sempre por cima de água, para largar alguma lama que tinha. Quando estava tudo à feição parava-se o barco e virava-se o cabo. Assim que virava o primeiro saco estava safo. Chegava a estar ali duas horas ou mais a tirar peixe. O peixe não ia para o porão. Vinha sempre em cima do convés.»

Em 1988, Serafim Pereira enviuvou. Em 1990, juntou-se a Etelvina da Conceição Antunes, nascida a 22 de Janeiro de 1946, na Assenta, companheira que hoje cuida dele com extrema atenção e a quem carinhosamente trata por Etelvina. Não tem filhos. No mesmo ano, veio viver para a Ericeira. Até aí, residiu sempre em Cascais. «Eu, aos 28 anos [1958], fui logo morar para Cascais. Deixei a casa em Cascais em Junho de 2010. Tive a casa arrendada quarenta anos. Reformei-me com 47 anos, por causa da coluna. Mas continuei a andar ao mar. Foi proprietário da traineira denominada “Cínico do Mar”. Adquiriu a traineira em Peniche com auxílio de um empréstimo bancário. «Em frente à Ericeira está o “Mar do Avô” e por fora temos o “Mar da Ericeira”.

No “Mar do Avô”, em cinquenta e seis braças, está um casco, já há muitos anos. Chamam-lhe o casco do “Mar do Avô”. Está muito partido dos barcos prenderem. Para ir de terra, da borda de água, para lá, existe uma serra aqui por cima que se chama “Névoas”. Fica entre a Malveira e Mafra. A parte norte é a carreira de tiro de Mafra. Também existe outra serra mais alta, mas direita em cima. Com Névoas a meio da Foz do Lizandro, quero dizer, não estar a pegar naquela parte sul da Foz do Lizandro, a meio, entre o “Descalça Sapato” e a parte sul da Foz. Um gajo passa daqui, de terra, a 2,000 braças no “Mar do Avô”.

No “Mar do Avô” vamos para sul, ali pelas 52, 54, a 56 braças, encontra-se o casco. Pode-se ir também pelas 58 braças. Leva-se a carreira de tiro a S. Julião. Aquilo é um bocado afastado. Uma vez, eu cheguei lá, tinha uma traineira de 20m e andava a arrastar. Estava lá o “Fadista” a arrastar também com uma traineira dele. Quero dizer, ele ia à minha proa. Foi à rede e fez-me sinal que tinha apanhado muita faneca. Eu deixei ir e fiz o sinal – a Igreja de S. Pedro de Sintra a aparecer, meti proa nele, proa nele, e vai, e vai, e vai. São aquelas coisas de descobrir, e vai, e vai até que a sonda marcou pedra e fui à rede, mas já estava por sul abaixo, lá para Magoito, por aí abaixo, fui à rede – Eh, pá! Grande sacada de fanecas! Setenta caixas, daquelas caixas antigas. Fui logo para Cascais. Faneca vivinha com escama e tudo. Eh pá! Desde aí, passei a designá-lo por “Mar da Faneca”.

Eu, a bem dizer, nunca saí do mar. Depois, fui ensinar o Hernâni Torcato, de Ribamar da Lourinhã, a pescar ao arrasto, a preparar o barco dele para o arrasto. Ensinei-lhe os fundos.

No tempo do meu pai havia só a sonda e a linha de barca, que era uma espécie de um relógio montado à popa do barco e que tinha uma linha que se largava com uma hélice e aí, marcava as milhas [velocidade do barco]. Naquela altura não havia radar. O radar apareceu muito mais tarde. Foi descoberto pelos ingleses. A sonda que tínhamos no tempo do meu pai fazia – tic, tic, tic, e depois tinha a tabela ao lado. A primeira sonda que conheci foi a bordo do “Belo Horizonte”. Era uma “Atlas”, uma sonda grande. Marcava muito bem. Depois veio a “Furuno”. Também marcava bem. A sonda, que o Hernâni Torcato tem na ponte do barco, é uma coisa pequena. Tem um barco

pequeno de 19m. Ele está no “Mar do Chapéu” e está a ver o fundo do “Rebenta Casacos”. Se passar por cima de um casco, vê logo. Eu fiquei parvo. Disse eu assim – Com uma sonda destas, no meu tempo, ai Jesus!

Eu só deixei de todo, quando comecei a “trompelar” das pernas. Talvez, há uns quinze anos [1995]. Ainda há coisa de um ano, o Hernâni Torcato veio aqui buscar-me, e embarquei no barco dele em Sesimbra, para irmos ao “Mar do Chapéu”. Só que estava sudoeste fresco, com névoa, e não pudemos fazer nada. Largámos no “Rebenta Casacos” ao norte. Apanhámos lagostins e tal. Mas, ele queria o “Chapéu”. Vamos lá a ver se um dia, estou melhor para ir com ele.»

Até há poucos anos, nos tempos livres, Serafim Pereira construía barcos em modelo reduzido à escala, sendo um artesão de elevado mérito. As suas embarcações respeitam as regras da boa construção naval, possuindo todas cavername.

Actualmente, passa os dias sentado em sua casa a ver televisão, ou a fazer algum trabalho artístico de marinharia em cordame. Quando faz bom tempo, dá uma volta pela praia da Ribeira na sua cadeira de rodas motorizada “charlando” com a malta.

Entrevistas feitas em sua casa na Ericeira em 10.10.2010, 19.11.2010, 02.11.2012, 07.12.2012 e 21.12.2012.

Francisco Esteves, Dezembro de 2012.